

“Eu quero ser músico profissional”: um estudo sobre o olhar que os jovens integrantes do Guri têm sobre profissionalização em música

Comunicação

Nicole Reis
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
niccreis@hotmail.com

Resumo: Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado que visa discutir o olhar que os jovens integrantes de uma política pública têm sobre a profissionalização em música, além de discorrer sobre a necessidade de expansão sobre os conceitos que definem a profissão de músico. Neste texto, o referencial teórico se apoia nos textos de Zanon (2006), Salazar (2015) e de Vieira (2017) que discorrem sobre a profissão em música. Além de encontrar respaldo nas pesquisas de Cruvinel (2003) e de Brasil (2018) sobre as aspirações profissionais em música que surgem a partir de vivências musicais coletivas em projetos sociais e/ou políticas públicas. A pesquisa foi realizada na abordagem qualitativa, e os dados foram construídos a partir de entrevistas semiestruturadas e de documentos cedidos pelo Guri e pelos jovens participantes. Os resultados mostram que os jovens participantes visualizam a área musical como possibilidade de profissionalização através das aulas do Guri e que compreendem as possibilidades de profissionalização de forma abrangente. Além disso, os dados mostram que a formação em nível superior é considerada uma etapa muito importante para a formação e para a inserção profissional de um músico.

Palavras-chave: profissionalização em música; aspirações profissionais; juventudes.

Introdução

Este artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado que visa discutir o olhar que os jovens integrantes de uma política pública têm sobre a profissionalização em música, além de apresentar uma análise sobre a necessidade de melhor compreender a profissão do músico. Na minha pesquisa busquei compreender as aspirações profissionais dos jovens alunos integrantes do naipe de cordas friccionadas da Orquestra de Cordas e da Orquestra Sinfônica do Guri que desejam trabalhar como músicos. A escolha por esses dois Grupos Musicais se deu pela minha maior proximidade com instrumentos de cordas friccionadas pois atuei como professora de violino no Guri por oito anos e, atualmente, continuo exercendo minha própria prática profissional na instituição como coordenadora técnico-artístico-pedagógica da área de cordas friccionadas.

Minha pesquisa se insere no campo da Educação Musical no que diz respeito às aspirações profissionais dos jovens inseridos em aulas de ensino coletivo de instrumentos ofertadas por uma política pública de cultura do Estado de São Paulo e que desejam se inserir profissionalmente como músicos. Neste texto, o referencial teórico se apoia nos textos de Zanon (2006), Salazar (2015) e de Vieira (2017) que discorrem sobre a profissão em música. Além de encontrar respaldo nas pesquisas de Cruvinel (2003) e de Brasil (2018) sobre as aspirações profissionais em música que surgem a partir de vivências musicais coletivas em projetos sociais e/ou políticas públicas.

O Guri é um programa de educação musical e inclusão sociocultural do Governo do Estado de São Paulo e da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado - atualmente gerido pela Organização Social (OS) Santa Marcelina Cultura - cuja missão é “promover a educação musical, a prática coletiva de música e o desenvolvimento pessoal e social” (Guri, 2023, p. 36). Apesar de as atividades musicais do Guri não terem a intenção de formar músicos profissionais, o programa também se propõe a desenvolver com seus alunos as habilidades necessárias para que eles possam prosseguir seus estudos tendo em vista a profissionalização, caso seja do seu interesse (Guri, 2017, p. 44).

A maioria dos alunos inseridos em projetos sociais não se profissionaliza na área (Cruvinel, 2003, p. 53), porém, durante minha pesquisa de mestrado, meu olhar se voltou para aqueles alunos que, ao ter contato com uma educação musical transformadora, visualizaram para si a possibilidade de profissionalização.

Muitos jovens vêm encontrando, nas práticas musicais de alguns projetos sociais, um caminho para realizar seus sonhos e projetos, onde eles utilizam a aprendizagem musical como um recurso para alcançar aquilo que almejam (Brasil, 2018, p. 58).

Foi diante das minhas inquietações com o encaminhamento profissional dos meus próprios alunos que levantei a seguinte questão de pesquisa: quais as aspirações profissionais dos jovens integrantes do Guri? Esta se desdobrou em outros questionamentos que se mostraram necessários para a construção de um olhar mais crítico sobre o tema: quem são os jovens do Guri? Qual a formação musical que possuem? Quais as expectativas profissionais que eles idealizam a partir de seus estudos musicais no programa? Qual o papel do Guri nestes projetos profissionais?

A pesquisa foi realizada na abordagem qualitativa, e os dados foram construídos a partir de entrevistas semiestruturadas e de documentos cedidos pelo Guri e pelos jovens participantes. Os resultados mostram que, através das aulas do Guri, os jovens participantes visualizam a área musical como campo de atuação profissional e que compreendem as possibilidades existentes de forma abrangente.

Neste recorte, apresento alguns conceitos relativos à profissão em música e compartilho a forma como os jovens integrantes dessa política pública enxergam o “mundo do trabalho” dentro da área musical. É possível aferir que os participantes vêem a música de maneira ampla, e que conseguem visualizar espaços variados de atuação. Além disso, os dados mostram que a formação em nível superior é considerada uma etapa muito importante para a formação e para a inserção profissional de um músico.

O que é um músico profissional?

Historicamente a imagem do músico é permeada por certa degradação visto que os músicos possuíam um valor social equivalente a outros grupos sociais cujo estilo de vida não era recomendável e estava associado à brincadeira, ao ócio e ao não trabalho (Coli, 2003, apud Vieira, 2017, p. 33). É a partir do sistema de mecenato que a profissão passou por uma mudança de status social (Vieira, 2017, p. 33) e, posteriormente - durante o Renascimento – que houve um aumento dos espaços de trabalho. A atuação musical, porém, seguiu tendo um caráter de improdutividade e se restringia à satisfação do príncipe (Vieira, 2017, p. 34).

Com o surgimento da burguesia, a música passou a operar pela lógica monetária, transformando-se em mercadoria. Somente nesse momento que o músico ocupou as salas de concerto e, como consequência, transformou-se em artista (Vieira, 2017, p. 34). Foi também no século XIX - com a ascensão da burguesia - que emergiu o amadorismo musical e sua consequente expansão de serviços com o oferecimento de aulas de música, luteria, editoração de partituras, afinação de pianos e também com o surgimento de novos produtos musicais como composição de repertório tecnicamente acessível, métodos de ensino de instrumentos, acessórios e outros (Vieira, 2017, p. 35).

É importante ressaltar que o ideal romântico do artista e seu potencial de mobilidade social concederam a alguns compositores, solistas e regentes um papel de destaque e de

ocupação hierarquicamente elevadas de prestígio. Já o músico anônimo não tinha esse mesmo status, o que se vê acontecendo até os dias de hoje (Vieira, 2017, p. 36).

Nesse sentido, Salazar (2015) define três estágios na carreira do músico: o amador, o semiprofissional e o profissional. Segundo ele, o músico amador é aquele que exerce outra atividade econômica para se sustentar financeiramente; o músico semiprofissional é aquele que precisa de outras atividades remuneradas para complementar o seu orçamento; e o músico profissional é aquele que vive integralmente de atividades musicais (Salazar, 2015, p. 49). É importante ressaltar que, para a minha pesquisa, considereirei como músico profissional todo aquele que exerce alguma atividade musical remunerada, sendo essa sua principal fonte de renda, ou não.

Zanon (2006) aponta que, tradicionalmente, seriam considerados como profissionais apenas os músicos de orquestra, maestros, solistas e os professores de escolas de música reconhecidas no âmbito musical. Zanon (2006) explica que “na esfera da música clássica, na verdade, estamos sempre trabalhando com duas hipóteses de exercício profissional: o indivíduo que toca e aquele que ensina”. Essa visão simplista da atuação musical delimitava de forma muito restrita as possibilidades de atuação profissional existentes para os jovens participantes da minha pesquisa. Portanto, precisei expandir a minha compreensão sobre as opções de carreira existentes e, como Zanon (2006) coloca, observar as demais possibilidades de atuação existentes:

Um músico tem muitas opções de carreira. Pode seguir a área acadêmica (bacharelado ou licenciatura) e aprofundar seus estudos através de um programa de pós-graduação. Pode ingressar no serviço público através de concurso para compor os quadros de uma banda filarmônica, orquestra sinfônica ou banda das Forças Armadas. Pode ser funcionário de uma emissora de rádio ou televisão, ou talvez de um estúdio de produção de áudio para publicidade ou de trilha sonora para games. Pode prestar serviços para uma banda ou orquestra de baile. Pode ministrar aulas particulares ou ser professor de um conservatório de música. Pode abrir sua própria produtora musical. Quem sabe pode até virar artista! (Salazar, 2015, p. 49).

Através dessa visão mais ampla, consegui agregar na profissionalização uma gama maior de atividades que se relacionam com o que é trabalhado nas aulas do Guri e com o ensino proporcionado através de uma política pública de ensino coletivo de instrumentos musicais. Em minha pesquisa, entendo que um dos aspectos que define o músico profissional

é a remuneração através da música, fazer dinheiro com música significa também obter um reconhecimento que é convertido monetariamente.

Quando a compreensão sobre a profissão em música se expande e as possibilidades de atuação não se restringem a funções e cargos especificamente ligados à performance e ao ensino, é possível perceber que existem variadas formas de atuação que também se relacionam com o sonho de trabalhar com música: banda autoral; banda cover; sonorização e iluminação para eventos; montagem de estrutura para eventos; empresarialmente artístico; agenciamento; produção executiva; técnico de som, luz e palco; direção artística; produção fonográfica; edição musical; comércio de instrumentos, equipamentos e acessórios; instrumentista; arranjador; DJ; mixagem; organização de eventos; entre outros (Salazar, 2015, p. 51 e 52).

“O que você quer ser quando crescer?”

Arrisco dizer que todos nós ouvimos essa pergunta ao menos uma vez na vida. Nas respostas, a lógica da empregabilidade se insere, pouco a pouco, no imaginário de crianças e jovens (Astigarraga, 2006, p. 200). Para os jovens guris participantes da minha pesquisa, a resposta é muito clara: “*eu quero ser músico*”. Ainda que suas trajetórias perpassem outros espaços e outras áreas de atuação, a aspiração profissional deles é muito clara e a direção desejada é aquela que leva ao fazer musical.

É na interação entre jovens e música que muitas vezes surge a aspiração profissional. Esses sujeitos, sobretudo quando são alunos de projetos sociais e/ou de políticas públicas de ensino coletivo de instrumentos (Brasil, 2014), enxergam na música uma ocupação diferente das que habitualmente existem em seus contextos de vida e muitas vezes optam por essa trajetória, mesmo que reconheçam as dificuldades inerentes a ela (Bezerra, 2019, p. 25).

Eles enxergam a carreira artística como uma chance de dar voz as suas experiências de juventude, de denunciar as injustiças que sofrem e de experimentar algo diferente (Bezerra, 2019, p. 26).

Para compreender as aspirações profissionais dos participantes da minha pesquisa, precisei ampliar meu olhar sobre profissionalização e assumir o posicionamento de que as atuações profissionais em música são diversas e se moldam mediante as oportunidades fomentadas, muitas vezes, pelos próprios músicos (Salazar, 2015; Pimentel, 2015). Ainda que

a maioria das respostas dos participantes corrobore com os apontamentos de Zanon (2006) quando este diz que existem duas opções de exercício profissional - o músico performer e o educador musical - os espaços citados e a interpretação sobre as ramificações dessas atividades se mostram relevantes e apontam uma ampliação referente ao olhar que esses jovens têm sobre a atuação de um músico profissional.

Elias: músico profissional... é, seria... seria por exemplo dar aulas, e repertórios difíceis. Repertórios bem difíceis, conseguir, conseguir passar aquilo de uma maneira que o aluno consiga reproduzir. E saber, tipo, pontos, dicas... [...], por exemplo, a gente toca um concerto, mas tem muitas coisas que podem facilitar, por exemplo o uso da harmonia. A gente conhecer os acordes. Então, por exemplo, não vai ser uma leitura a primeira vista porque eu sei onde onde tá o ré, eu já sei umas notinhas e já sei o que eu vou tocar. Então, o profissional da música se interessa por essa facilitação, e passar pros alunos e também saber tocar um repertório difícil, eu acho que isso seria pra ele.

Segundo Vieira (2017) diferente do que acontece em outras atividades humanas especializadas, o músico se forma sendo músico (Vieira, 2017, p. 50), além disso, Morato (2009) explica que a construção da profissionalidade em música reinventa a ordem natural instituída na qual a formação antecede o período profissional (Morato, 2009, p. 259; Vieira, 2017, p. 54). Nesse sentido, a fala de Elias demonstra também uma ligação entre prática profissional e prática formativa: para os participantes, a profissionalização está relacionada a um nível técnico alto. Segundo Joaquim (2023), após adquirir experiência, o músico cujo estudo de um instrumento musical se inicia na infância ou na adolescência, adquire um novo patamar em sua própria prática pois o que antes se limitava ao próprio desenvolvimento, se desdobra em atividades e espaços, muitas vezes, profissionalizantes (Joaquim, 2023, p. 35).

Percebo também que as possibilidades de atuação profissional se amplificam quando matérias adjacentes à prática instrumental são enxergadas pelos participantes como mais uma forma de “ganhar dinheiro” com música. Zanon (2006) aponta que as demais possibilidades de trabalho musical são vistas como apêndices, porém, neste caso, não observo a fala de Elias dessa forma. Percebo que ao citar o uso da harmonia como habilidade necessária para trabalhar na área, o participante aponta para mais uma temática que poderia ser elencada como possibilidade de profissionalização, não o contrário. Levy compartilha dessa mesma visão na qual nível técnico está associado à profissionalização:

Levy: Um músico profissional pra mim é uma pessoa que chegou num nível técnico muito bom e que pra ela já não basta só tocar por tocar e sim tocar pra gerar uma renda e daí ela fazer a roda da vida dela girar, né?! Então acho que é isso.

Conforme dito anteriormente, considero – para essa pesquisa – que dentre os aspectos que define o músico profissional, está o retorno financeiro através da música. Este viés aparece na fala de Levy e também pode ser identificado na colocação de Milena:

Milena: Ah, um músico que trabalha com isso né, e ganha pra isso e que... sei lá, eu acho que é isso, que recebe pra isso.

Leo e Thawane também relatam sobre o ganho monetário e tem a resposta mais tradicional sobre as possibilidades de atuação de um profissional da música.

Léo: O músico profissional pra mim é tá tocando, claro, numa orquestra ou dando aula como professor. É... são, acho, que esses dois parâmetros: tá tocando numa orquestra e dando aula e recebendo, por isso, que é uma profissão dele né.

Thawane: "Ah, é tocar em orquestra, tocar em eventos ou ser professor de música".

Ensino Superior: a próxima etapa

Ao discutir a questão da profissionalização musical de jovens, se destaca em suas falas o desejo pela formação acadêmica como parte integrante do processo formativo necessário para a profissionalização (Bezerra, 2019, p. 29). Fica evidente que para os participantes da minha pesquisa, cursar uma faculdade de música – seja ela bacharelado ou licenciatura – é imprescindível para sua formação como bons profissionais. Nem todos os participantes, porém, fizeram ou fazem um curso superior em música, como veremos na tabela a seguir. Além disso, nenhum deles está inserido na modalidade bacharelado. Milena, até o momento de sua entrevista, não estava cursando nenhuma faculdade.

Quadro I: Ensino superior.

Nome	Curso
Elias	Licenciatura em Música
Larissa	Licenciatura em Música
Leo	Ciências Políticas
Levy	Análise de Desenvolvimento de Sistemas
Milena	-
Thawane	Pedagogia

Alguns participantes optaram pelo curso de licenciatura em música enquanto outros, se matricularam em outras áreas de atuação. Essa escolha por um curso superior diferente daquele em cuja área desejam atuar ainda se relaciona com a ideia de que música “não dá dinheiro” ou de que não traz estabilidade. Bezerra (2019) aponta algumas das dificuldades que podem ser encontradas pelos jovens músicos: falta de reconhecimento comercial do estilo com que trabalham, falta de recursos para investir na arte e impossibilidade de se dedicar exclusivamente a essa atividade (Bezerra, 2019, p. 29).

É possível dizer que o mundo do trabalho no que se refere à música não é o mais prestigiado de todos, claro, outras profissões seguem tendo maior reconhecimento social e, por consequência, recebendo um retorno financeiro equivalente. Porém, não defendo essa ideia arraigada no senso comum de que é muito difícil ser um profissional em música e viver exclusivamente desta profissão. O que percebo é que as trajetórias de inserção profissional na área não seguem uma lógica linear (Pais, 2016, p. 10) o que gera uma certa insegurança em seus aspirantes.

Nicole: qual é o percurso que você considera importante pra concretizar a sua profissionalização em música?

Elias: Acho que seria, assim, a faculdade.

Os participantes relatam que foi através do ensino superior – em música – que se sentiram mais preparados para a inserção no mundo do trabalho em música o que valida a ideia de que uma graduação é muito importante no trajeto de inserção profissional desses jovens.

Conclusão

Historicamente a profissão do músico possuía pouco prestígio social. Atualmente, essa lógica se mantém semelhante. As dificuldades encontradas como, por exemplo, a falta de regularização da profissão e a dificuldade de inserção profissional seguem sendo obstáculos nas trajetórias dos jovens que aspiram trabalhar como músicos. Por outro lado, a criativização da profissionalidade tem direcionado os jovens músicos a buscar estratégias para se inserir profissionalmente.

Ainda que, nos dados da pesquisa, a dualidade existente na profissionalização em música ainda pareça ser mais intensa nos campos da performance e a educação musical, é possível perceber uma ampliação no olhar para outras atividades como a atuação em eventos, edição de partituras, composição de arranjos, comércio de instrumentos, mixagem e até mesmo organização de eventos. Enquanto professora do Guri, pude identificar que muitos alunos procuram se inserir profissionalmente como músicos de formas diversas. Formam-se músicos enquanto se inserem profissionalmente atuando com atividades diversas que proporcionam algum ganho monetário. Através desse olhar pude conceber que a profissionalização em música poderia ser um caminho percorrido por estes jovens alunos proporcionando a eles uma forma de sustento e garantindo a sua autonomia.

Diferente de outras atividades laborais, o músico se torna músico sendo músico o que exige um constante aprimoramento por parte daqueles que desejam se inserir profissionalmente na área musical. É possível também perceber essa ligação entre formação e inserção profissional quando os participantes apontam que, para serem bons músicos, precisam passar por um curso superior em música, seja ele um Bacharelado ou uma Licenciatura.

Durante minha trajetória docente ouvi, por muitas vezes, que meus alunos não seriam músicos profissionais. Após minha pesquisa, tenho ainda mais argumentos para dizer que eles podem ser músicos, se assim desejarem. É necessário, porém, ampliar o conceito sobre as diversas profissões musicais existentes e fomentar estratégias de fortalecimento das ações criativas para a manutenção das atividades laborais em música. Encerro esse texto com uma pergunta retórica, mas que considero a mais importante para a Educação Musical: *afinal, o que é um músico profissional?*

Referências

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Fundamentos da formação artesanal: a concepção dos jovens aprendizes sobre o processo de profissionalização “nostálgico” e “futurista” da Oficina Escola de Artes e Ofícios (2001 a 2005). 2006. 230 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BEZERRA, Daniel Ribeiro. A valorização da aula de música pelos alunos do ensino médio e os fatores que a influenciam. 2019. 135 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

BRASIL, Anderson Fabrício Andrade. Berimbau sim, berimbau não: um estudo sobre a profissionalização em música a partir da Orquestra de Berimbaus Afinados Dainho Xequerê - OBADX. 2018. 210 p. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

CRUVINEL, Flávia Maria. Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas: a educação musical como meio de transformação social. 2003. 321 p. Dissertação (Mestrado em Música na Contemporaneidade) – Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.

GURI, 2017. Anexo Técnico I: Plano de Trabalho da Associação de Cultura, Educação e Assistência Social Santa Marcelina – Ano 2018-2022 no Contrato de Gestão nº 04/2017 – Referente ao “Projeto Guri na Capital e Grande São Paulo”.

GURI, 2023. Anexo Técnico I: Plano de Trabalho da Associação de Cultura, Educação e Assistência Social Santa Marcelina – Ano 2023-2027 no Contrato de Gestão nº 04/2023 – Referente ao “Projeto Guri na Capital e Grande São Paulo”.

JOAQUIM, Neris Eliel. A atuação profissional de um professor de violino: pesquisa em andamento. In: XXVI Congresso Nacional da Abem. Ouro Preto, 2023. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/xxvicongresso/XXVICongresso/paper/viewFile/1664/1023>

MORATO, Cíntia Thais. Estudar e Trabalhar Durante a Graduação em Música: construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música. Porto Alegre. 2009. 307 p. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PAIS, José Machado. Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro. Berlin: GD Publishing/Edições Machado, 2016.

PIMENTEL, Maria Odília de Quadros. Traços de percursos de inserção profissional: um estudo sobre egressos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais. 2015. 185 p. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SALAZAR, Leonardo. Música Ltda: o negócio da música para empreendedores. Recife: Sebrae, 2015.

VIEIRA, Alexandre. Trajetórias Formativas Profissionais em Música: um estudo com estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza. Porto Alegre. 2017. 266 p. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

ZANON, Fábio. Música como profissão. In: LIMA, Sônia Albano (Org.). Performance e interpretação musical: uma prática interdisciplinar. São Paulo: Musa, 2006. p. 102-127.